

## Dois momentos de supervisão

*Silvia Baudini*

A supervisão pode possibilitar uma súbita iluminação que não é da ordem da verdade religiosa, uma escansão temporal do instante de ver e a produção de efeitos de formação.

Lacan diz que há duas etapas da supervisão: a primeira, em que aqueles que se autorizaram a ser analistas são como o rinoceronte, que "fazem mais ou menos qualquer coisa", e acrescenta, "eu sempre os aprovo, de fato sempre têm razão". A segunda consiste em "jogar com o equívoco que poderia liberar o *sinthoma*"<sup>1</sup>. Vou tomar dois momentos de supervisão separados por quase dez anos, para localizar os efeitos da intervenção da supervisão.

### O primeiro momento

Um caso me atormentava: a paciente chamava a toda hora, o que incluía também a madrugada, aparecia em meu consultório sem marcar hora. Um familiar me chamava porque os atos impulsivos se sucediam. Havia risco para si e para terceiros, como reza a fórmula que se escreve nas ordens de internação psiquiátrica. Faço isso, indico a internação e também peço uma supervisão.

Obtenho três respostas:

1) Diz enfaticamente o supervisor: "Este é um verdadeiro inclassificável!".

O que coloca o caso e me coloca em um tema teórico de interesse para o Campo Freudiano naquele momento, já que no dia seguinte ele realizaria no Instituto Clínico de Buenos

Aires uma atividade voltada para "Os Inclassificáveis", texto de recente aparição.

2) "Eu poderia ver essa paciente?", disse mais como para consigo mesmo, pesando vantagens e desvantagens. Eu permanecia muda, modo de semblante que deixava ver o excesso que a praticante que eu era naquele momento tomava a seu encargo.

3) Pergunta: "Você pode escrever o caso, mandá-lo para mim, e talvez apresentá-lo amanhã?"

A escrita do caso, feita e enviada para ele em duas horas, torna esse padecimento, como ficção fantasística, um laço com a comunidade.

A fantasia como unidade divisível, com seu lado real simbólico e sua vertente de sentido imaginário pode então perder, no sentido de produzir, o caráter imaginário do "sacrifício" que, orientado pelo Nome-do-Pai, reduziria o tratamento à preocupação terapêutica. Sintoma orientado pelo Nome-do-Pai, unido à tradição médica.

A supervisão se encerrará dois dias depois, no final de uma reunião ligada à minha função durante um Encontro Internacional, quando ele me pergunta: "O que aconteceu com a sua paciente?". Respondo que deixou o tratamento: "Que alívio para você", diz ele.

Esse alívio vem acompanhado de um ganho que quebra, divide a certeza da fantasia.

### **O segundo momento: après-coup**

Passados dez anos, quando o caso já não mais me atormentava, uma dificuldade diagnóstica me levou a pedir supervisão, que se desenrola com precisões clínicas que permitem chegar a uma conclusão sobre esse ponto.

Quero, porém, destacar duas perguntas que o supervisor me fez:

1) "Você é psiquiatra?", que poderia ser facilmente respondida; foi o que fiz, dizendo "sim".

2) A segunda pergunta, mais difícil de responder, foi feita na porta, enquanto me levava à saída - "Você trabalha com quem?"-, deixou-me balbuciando uma resposta, sendo repetida: "E você, com quem trabalha?". Sendo a segunda resposta mais incoerente que a primeira, retorna outra vez a pergunta. Dessa vez recorri a algum lugar que ocupava na Escola.

Essa pergunta, que teve para mim uma clara dimensão equívoca, me permitiu perceber que algo da fantasia que tão brutalmente teve que ser interpretada na primeira vez permanecia, atenuada, dando sinais.

Esse excesso de solidão não é a do analista que se liga ao desejo como impuro, mas uma ambição, não isenta de certo cinismo, de se posicionar na lógica do para-todo.

O efeito de formação e a prática da supervisão, como modo de combater os resíduos da fantasia e o afã religioso, permitem reduzir um excesso, incluindo o *êxtimo* que libera o *sinthoma*, ou seja, refaz o modo de amarração dos três registros RSI. Como o *sinthoma* se caracteriza por ser singular e participar da lógica do *nãotodo*, foi por isso colocado por Lacan do lado feminino, impossível de totalizar. É a partir do *sinthoma* que um laço social é possível. No caso do analista, esse laço se encontra na relação com a comunidade analítica em seu conjunto.

---

<sup>1</sup> LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 18.